

TOME A SUA CRUZ

Walter Chantry

Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará”

Lucas 9.23,24

Só existe uma entrada para o reino de Deus. Há uma porta estreita no início do caminho para a vida. “Porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mt 7.14). Ninguém que tenha um ego enfatuado pode forçar passagem por essa porta. Tem de haver auto-anulamento, auto-repúdio e auto-renúncia, para que alguém se torne um discípulo (um aluno) de Cristo.

Nosso Salvador deixou bem clara a sua exigência, ao ordenar explicitamente o negar-se a si mesmo. Depois, Ele enfatizou novamente o seu argumento, utilizando uma ilustração vívida do negar-se a si mesmo — uma ilustração que Ele selaria, em breve, com o seu sangue: “A si mesmo se negue... tome a sua cruz” (Lc 9.23). Seis vezes, nos evangelhos, nosso grande Profeta recomendou aos seus discípulos o tomar a

cruz. Essa era uma das ilustrações favoritas de Jesus a respeito do negar-se a si mesmo. Em outras ocasiões, Ele falou sobre vender tudo ou perder a própria vida.

“Cruz” é uma palavra que de início traz à mente o quadro de nosso Senhor no Calvário. Pensamos sobre Ele derramando seu sangue, enquanto pregado em um instrumento destinado a infligir uma morte agonizante. Talvez possamos expandir a idéia de tomar a cruz ao pensarmos sobre Estêvão, que foi apedrejado até à morte, ou sobre Pedro e João, que foram açoitados e presos, ou sobre qualquer outro mártir, através dos séculos. À luz desses sofrimentos físicos corajosos, o crente que desfruta de quietude pode dizer: “Não tenho qualquer cruz para levar”. Talvez esta exigência de Cristo alarme a sua consciência, enquanto você a lê freqüentemente nas Escrituras.

Alguns que chamam a si mesmos de “crentes” nunca tomaram realmente a sua cruz. Ignorando a experiência da auto-execução, da auto-renúncia, eles são necessariamente estranhos para Cristo. O próprio Senhor Jesus tencionava que sua exigência alarmasse profundamente tais pessoas. Se esta é a sua condição, não haverá qualquer alívio para a consciência, exceto por meio do tomar a sua cruz e seguir a Jesus.

No entanto, outros são verdadeiros servos de Cristo, porém, sentem desânimo por entenderem de modo errado a exigência de nosso Senhor. É possível tomar a cruz e não o saber. Uma análise cuidadosa do significado das palavras de nosso Senhor será um encorajamento.

Em qualquer dos casos, este assunto é vital para você. A vida do seu Senhor foi dominada por uma cruz. Ele também o chamou para uma vida que inclui uma cruz. Esta verdade clara do evangelho é facilmente esquecida na débil sociedade ocidental. Com um grande coro de costumes, anúncios e tentações, este mundo está chamando você a uma vida de auto-satisfação. Sua carne é atraída a este apelo e cairá com as sugestões do mundo. Mas o Senhor da glória o tem chamado para uma vida de auto-renúncia, para uma cruz.

A exigência de levar a cruz é universal. É dirigida a todos os que seguem a Cristo, sem exceção. Nosso Senhor proferiu estas palavras “a todos”, não apenas a um grupo seleto que andava mais perto dEle. Marcos 8.34 indica que esta ordem não foi emitida somente para os doze. Foi dita quando Ele chamou “a multidão

e juntamente os seus discípulos”. A cruz é exigida de qualquer pessoa que quer vir após Jesus. Não há casos peculiares isentos desta necessidade. Várias vezes, nosso Senhor enfatizou que ninguém poderia ser considerado seu discípulo se não tomasse a cruz — “Quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim” (Mt 10.38). Em Lucas 14.27, nosso Salvador voltou-se a uma multidão que O seguia e insistiu: “E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo”. Ser um crente sem negar-se a si mesmo é uma impossibilidade absoluta. Quer você viva em um país cristão, quer viva em uma cultura hostil à Palavra de Deus, você tem de levar a cruz. A única maneira de evitar a cruz é seguir o mundo até ao inferno. Conforme explica Marcos 8.35: “Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á”. A palavra “pois” indica uma conexão com o versículo anterior. O cristianismo sem auto-renúncia não suportará o juízo.

Este aspecto óbvio do ensino de nosso Senhor tem sido esquecido ou ignorado pelo evangelismo moderno. Ansiosos por trazer pecadores à vida, à paz e à alegria no Senhor, os evangelistas têm falhado em mencionar que Cristo insiste, desde o início, na renúncia do “eu”. Falhando em transmitir esta exigência de nosso Senhor e esquecendo-a eles mesmos, os evangelistas nunca questionam se os seus “convertidos” que têm vidas egocêntricas são verdadeiros seguidores de Cristo. Supondo que é possível a alguém buscar a auto-satisfação e ao mesmo tempo estar certo do céu, aqueles que ensinam a

Bíblia procuram um meio de trazer homens egocêntricos a um nível espiritual mais elevado. Por isso, o negar a si mesmo é ensinado como uma exigência para uma segunda obra da graça. Mas o texto de Lucas 9.23,24 nos mostra que, se uma pessoa não tem uma vida de negação de si mesma, não recebeu uma fundamental obra da graça.

Aqueles que guardam textos bíblicos sobre a exigência de uma cruz, para usá-los no ensino de “uma vida mais profunda”, enganam seus ouvintes no que diz respeito a evangelizá-los. Sem a cruz não existe qualquer seguir a Cristo! E, sem seguir a Cristo, não há vida, de maneira alguma! Hoje existe a impressão de que muitas pessoas entram na vida por meio da porta larga de crer em Jesus. Conseqüentemente, poucos buscam a porta estreita da cruz para um serviço espiritual mais profundo. Pelo contrário, o caminho largo, sem o negar a si mesmo, leva à perdição. Todos os que são salvos entraram na fraternidade da cruz. A chamada de Cristo referente à cruz é *perpétua*. O negar-se a si mesmo não é uma taxa de matrícula, paga uma única vez e, depois, esquecida para sempre. Os crentes mais velhos, assim como os novos convertidos, têm de levar a cruz. A cruz de um crente não é um item descartável da vida cristã, e sim um

fardo que temos de levar por toda a vida neste mundo.

A conversa de Jesus, expressa nesta passagem de Lucas, aparentemente aconteceu em Cesárea de Filipe. Ocorreu próxima ao final do ministério terreno de Jesus. Quase três anos antes, Jesus havia chamado os discípulos. Em Lucas 5, encontramos um relato parcial dessa chamada. Quando os discípulos começaram a seguir o Messias, houve o pre-

— ■ —

Levar a cruz é uma das escolhas conscientes e diárias que o crente faz dentre aquelas que agradarão a Cristo, entristecerão o “eu” e terão como alvo a mortificação própria.

— ■ —

ço doloroso de uma cruz a ser considerado. Este preço, no caso de Pedro, foi o ter de deixar seu amado pai e um bom negócio de pesca, em uma vila tranqüila. No caso de Mateus, o preço envolveu o deixar para trás a lucrativa agência de cobrança de impostos que ele dirigia. Durante mais de dois anos, houve a dolorosa experiência de pobreza, tumulto e desgraça ao seguirem o Mestre. Agora, quando se aproximavam da conclusão de seu treinamento, nosso Senhor colocou diante deles a expectativa de uma cruz. Quer você tenha andado com Cristo um ano ou quarenta anos, ainda tem de negar a si mesmo.

Podemos observar que a passagem usa a expressão “*dia a dia*”. Para um verdadeiro crente, a cruz é vitalícia, presente em todos os aspectos de nossa vida, um fardo diário. Existe apenas um lugar onde podemos largar a cruz — o cemitério.

Não podemos levar o sofrimento da auto-renúncia à cidade celestial. Mas nosso Senhor não apresentou qualquer esperança de que a cruz cessará de nos afligir nesta vida. A cruz é tomada “dia a dia” e por “qualquer pessoa”. Você tem de perguntar a si mesmo: “Estou levando a cruz hoje?”

Conforme já sugerimos, *a cruz é dolorosa*. A palavra “cruz” perde todo o significado, se removermos o terrível sofrimento. Nosso Senhor suportou as dores mais cruéis já infligidas a um homem. Temos de reconhecer que a cruz representava dores *internas*, bem como dores externas. Para o nosso perfeito Senhor, a tortura íntima resultante da cruz foi maior do que a tortura exterior.

Hebreus 12.2 nos ensina que Jesus “suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia”. A ignomínia era muito mais dolorosa à sublime dignidade de Ele do que o eram os cravos e o sangue vertendo de seu corpo. Alguns têm falhado em avaliar o que a cruz era para Jesus: a vergonha de ser feito pecado, diante do Pai, e a ignomínia de ser julgado por um Deus justo, diante de seus inimigos. A vergonha de se identificar abertamente com as sujas transgressões dos ímpios, diante dos homens, dos anjos e de Deus, feriu profundamente a alma sensível de nosso Senhor.

O sofrimento íntimo tem de ser o foco do ensino de nosso Senhor, nesta passagem de Lucas 14. Nossa cruz não significa apenas sofrimento físico. Estêvão não foi apedrejado “dia a dia”, mas o Salvador disse que temos de levar a cruz todos os dias. Nem mesmo nos piores tempos, os

apóstolos foram aprisionados “dia a dia”. Existe uma cruz para levarmos nos melhores dias, assim como nos piores. Pedro levou a cruz durante a paz civil, bem como em tempos de conflitos. Deixar de entender que o sofrimento íntimo é a pior parte da cruz tem levado alguns crentes a compreenderem erroneamente a exigência de nosso Senhor a respeito de tomar a cruz, todos os dias. Esta compreensão errônea pode levar a alarmes desnecessários e ao desânimo, quando os verdadeiros crentes lêem esta exigência de nosso Senhor. Você pode levar uma cruz invisível para todos, exceto para o seu Pai celestial. Quão freqüentemente um pastor é surpreendido ao aprender sobre a cruz levada pelos membros de sua igreja, que passam por tribulações que ele nunca imaginou. Os sofrimentos mais profundos da cruz não são visíveis publicamente.

Além disso, *tomar a cruz é um ato intencional*. Em cada passagem que apresenta o Senhor mencionando a cruz para os discípulos, Ele ordena que eles a tomem. O Senhor não impõe a cruz sobre uma pessoa contra a vontade dela. Ele não amarra a cruz nas costas de uma pessoa. Existem grandes aflições para o povo de Deus que lhe são impostas pela providência. Sofrimentos irresistíveis podem ser a mão da disciplina ou da misericórdia aprimorada. Tais sofrimentos são provações e não cruces. Uma cruz tem de ser tomada por aquele cujo ego tem de ser negado dolorosamente.

Foi uma submissão voluntária da parte de Cristo que O levou ao

Calvário. “Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou” (Jo 10.18). Soldados armados não poderiam prender a Jesus. O Filho de Deus se entregou à custódia deles. Assim também é a cruz diária que os discípulos dEle têm de levar. É uma escolha consciente de uma alternativa dolorosa, motivada por amor a Cristo. Pode ser precedida por uma luta ínti-

ma, semelhante àquela que nosso Senhor experimentou no Getsêmani. Mas é uma escolha voluntária.

Por último, *o tomar a cruz é mortal*. É letal. A morte na cruz pode ser muito lenta, mas a cruz tem um objetivo — *tenciona trazer, de modo cruel, o “eu” à morte*. Duas idéias paralelas, nos versículos 23 e 24, nos mostram que nosso Senhor tinha isto em mente. “*A si mesmo se negue.*” Mortifique a auto-importância, a auto-satisfação, a autodedicação, a autoprosperidade, a autodependência. “*Quem perder a vida por minha causa*”. É isto mesmo! Morte aos interesses pessoais, porque você serve à honra de Cristo! Inclui a rendição daquelas coisas que os homens chamam de interesses legítimos para a glória de Deus!

Agora, torna-se evidente que a figura de levar a cruz é um aprimoramento da exigência de Jesus acerca da auto-renúncia. Levar a cruz é uma das escolhas conscientes e diárias que o crente faz dentre aquelas que agra-

darão a Cristo, entristecerão o “eu” e terão como alvo a mortificação própria. Levar a cruz é um ensino para o recruta, não apenas para o soldado amadurecido. É uma exigência para alguém entrar no exército de Deus, não apenas uma chamada para a elite

de super-santos que têm uma vida mais profunda. Todavia, o levar a cruz é o segredo para a maturidade profunda em Cristo. Cada

etapa do crescimento espiritual exige mais auto-renúncia, mais golpes dolorosos no “eu”, mais ousada determinação de servir ao Senhor Jesus Cristo, com o conseqüente abandono da própria vida do crente.

A sombra da cruz cai sobre todos aqueles aspectos vitais da experiência cristã a respeito dos quais os crentes verdadeiros se encontram desorientados. Se a cruz fosse entendida, muitas queixas que se levantam contra a providência de Deus seriam silenciadas. Muitas sessões de aconselhamento no escritório do pastor seriam interrompidas pela aplicação do significado da cruz. O significado da cruz responde a muitas questões, não de modo superficial, e sim profundo.

Se você tem se esforçado para adorar o Altíssimo, já aprendeu que não há comunhão satisfatória com Ele sem a cruz. Nosso Salvador se levantava antes do amanhecer para ter comunhão com o seu Pai. Visto que Ele não tinha um aquecedor central,

— ■ —
*A morte na cruz pode ser muito
 lenta, mas a cruz tem um
 objetivo — tenciona trazer,
 de modo cruel, o “eu” à morte.*
 — ■ —

não é um exagero imaginar que o Senhor Jesus tremia de frio, enquanto o seu metabolismo ainda se mostrava lento naquelas primeiras horas da manhã. Talvez Ele sentisse a dor do esforço para manter seus olhos abertos, pois Ele era um verdadeiro homem que havia gastado longos dias e noites ensinando os incultos, convencendo os que se opunham a Ele e curando os enfermos. Ele não tinha boas noites de sono antes de suas horas secretas de adoração. Talvez o Senhor Jesus tivesse de ficar em pé, para não cair de sono. Essas lutas provavelmente causaram a simpatia dEle para com seus discípulos no jardim. Quando eles dormiram, em vez de vigiarem em oração, Ele lhes disse cordialmente: “O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41). Oh! Ele sentiu a fraqueza da carne humana!

Uma cruz confronta o crente que está decidido a levantar cedo para encontrar-se com seu Deus. Começa com o despertador. O “ego” deseja mais uma hora de sono. É razoável permanecer na cama, quando o bebê acordou duas vezes na noite passada. Mas, se o amor de Cristo arde em sua alma, você preferirá causar dores em si mesmo a lançar-se às exigências das atividades do lar ou do escritório e terminar o dia com o triste reconhecimento de que não esteve com o Senhor, em momento algum. Além disso, para levantar cedo, a cada dia, você tem de negar a si mesmo o prazer de encontros sociais que tendem a demorar até altas horas.

E, quando você organizar sua vida de modo a dedicar-se às suas devoções, o “eu” rebelde ainda se

intrometerá. Pensamentos sobre os seus afazeres exigem a atenção da sua mente, de modo que a contemplação honesta da glória de Deus é impedida. Milhares de interesses egoístas impedem a ocorrência da verdadeira oração, desde o seu início. Nosso Senhor nos ensinou que a oração começa quando o coração clama: “Santificado seja o teu nome” (Lc 11.2). A verdadeira oração não pode ser proferida enquanto o “eu” não é cruelmente arrancado da alma, como um dente é arrancado da mandíbula. Isto é doloroso e angustiante!

Os pregadores encontram rostos tristes que gostariam de ouvir a recomendação de um bom livro sobre devoções. “Eu quero algo para revigorar meu espírito abatido.” O lugar de reclusão secreta se tornou monótono e pouco gratificante. Frequentemente, por trás desse pedido há um desejo de encontrar um novo segredo para se aproximar da presença de Deus, um pequeno artifício ou um retorno fácil ao lugar de alegre comunhão com Deus e o Cordeiro. Não há tais livros ou artifícios. Você tem de levar uma cruz! Tenha o “eu” como alvo. Focalize-se em mortificar o “eu”. Negue-se a si mesmo! Rápido! Acorde cedo! Clame com uma nova união de todas as suas energias, tendo o propósito de conhecer ao Senhor. E amanhã? A cruz estará ali novamente. E, se você não escolher infligir sofrimento ao “eu”, cairá outra vez em frieza. Você se retrairá para grande distância do Senhor.

Algumas pobres criaturas têm parado de buscar as alegrias da presença de Deus. Talvez você suponha que Deus não lhe mostrará a sua gló-

ria. Pelo contrário, Ele se deleita em tornar-se conhecido. Mas existe uma cruz na entrada do lugar secreto do Altíssimo. Para ficar à sombra do Todo-Poderoso, você precisa trazer o “eu” a uma morte lenta e agonizante.

A longa sombra da cruz o seguirá desde a sua casa até ao seu lugar de serviço para o Senhor. As testemunhas fiéis de Cristo enfrentam dores terríveis. Quando você chega ao trabalho, talvez os seus colegas estejam reunidos em um canto rindo e contando piadas. Você sabe que não ousará unir-se a eles. Aquele assunto de bom humor é impuro. Durante o dia, quando opiniões sérias são discutidas, há uma oportunidade para você apresentar o ponto de vista bíblico sobre o pecado, a justiça ou o propósito da vida. Mas, cada vez que você fala, percebe rejeição para consigo mesmo e seu ponto de vista. Cada testemunho a favor da verdade o torna menos bem-vindo. Você se mostrará ousado em favor da verdade hoje?

Os crentes são sensíveis. Queremos ser aceitos e queridos. É agradável ser uma pessoa favorável e pacífica. Nosso intenso desejo é tornarmos-nos mais íntimos com os companheiros. Alguns crentes grosseiros testemunham com uma atitude de “não me importo com o que os outros pensam de mim”. Isso é ser insensível e não gracioso. Quando a graça de Deus nos desperta em amor pelos homens, o senso de cordialidade é intensificado, e o anelo por gentileza e paz é aumentado. Mas, com tudo isso, é a honra de nosso Senhor que está em jogo. O eterno bem-estar da alma dos homens pesa

na balança, com base no entendimento que eles têm da verdade.

O que o crente deve fazer, se ele tem de testemunhar? Ele precisa escolher, de modo consciente, palavras que aprimorem a sua própria sociabilidade e o seu amor por harmonia. O crente tem de apontar propositamente a espada tanto para si mesmo como para os colegas de trabalho. Não há passos fáceis no testemunhar! Não há métodos indolores, sem constrangimento! Você tem de levar os homens a perceberem que são pecadores imundos que estão sob a ira de Deus e precisam fugir para Cristo, a fim de receberem misericórdia. Isso é ofensivo. Não há qualquer maneira de tornar agradável o nosso testemunho.

Quando uma moça explica o evangelho a sua mãe, pode quase antecipar a recepção indiferente. Em qualquer maneira que ela apresentar a verdade, estará implícito o erro permanente da mãe, ao considerar a mensagem como uma negação de sua religião, suas opiniões, seu estilo de vida, *por parte da filha*. A mensagem fere o coração da mãe como uma faca. Sim, mas quando a espada da Palavra penetra o coração da mãe, uma filha sensível resolve, ao mesmo tempo, cravar pregos em sua própria carne. O “eu” tem de ser crucificado. Assim, dois corações são quebrantados, não apenas um.

Do mesmo modo que a cruz lança sombras sobre a adoração e o testemunho, as suas sombras também caem sobre o serviço para Deus. Perguntas como: “Você dará aula na Escola Dominical?” tornam-se: “Você renunciará as noites tranquilas e di-

vertidas que seguem os dias agitados no escritório? Você sacrificará o descanso para estudar com seriedade a Palavra de Deus, a fim de preparar-se para a aula? Você gastará o tempo já escasso para orar em favor de seus alunos?” Cada dever assumido para o bem da igreja im-

põe restrições em outras áreas.

Uma cruz pode ser vista em todas as áreas da vida cristã. Nosso Senhor não estava falando com hipérbole, quando colocou diante de nós uma cruz diária. Virar as costas para a cruz significa retornar ao caminho largo que conduz à perdição.

A GRAÇA DE DEUS EM RESPONDER À ORAÇÃO

Albert Barnes

O fundamento mais apropriado para o louvor é o fato de que Deus ouve a oração — a oração do homem infeliz, ignorante e pecaminoso que está às portas da morte.

Quando consideramos quão grande é a condescendência de Deus em fazer isto; quando pensamos em sua grandeza e infinitude; quando meditamos sobre o fato de que todo o universo depende dEle e que até as galáxias mais distantes precisam do cuidado e da atenção dEle; quando temos em mente o fato de que somos criaturas de pouca duração, que não sabem nada; em especial, quando recordamos que temos violado as leis dEle; e quando lembramos quão sensuais, corruptas e vis têm sido nossas vidas, quão impróprios e humilhantes têm sido os nossos alvos e propósitos, como temos provocado a Deus por meio de nossa incredulidade, ingratidão e dureza de coração — nunca podemos expressar, com palavras adequadas, quão imensa é a bondade dEle em ouvir nossas orações; também não podemos achar palavras com as quais expressaremos corretamente os louvores devidos ao nome dEle, por haver se mostrado condescendente em ouvir nossos clamores por misericórdia.

PREGAÇÃO EVANGELÍSTICA: UM OFÍCIO PERDIDO

Conrad Mbewe

(Será Preletor na 7ª Conferência Fiel para Pastores e Líderes, 2006, Moçambique)

Estou preocupado. Estou bastante preocupado com a ausência de pregação evangelística em nossos dias. Em muitos púlpitos, o que se chama de pregação evangelística é basicamente um apelo aos não-crentes, um apelo acrescentado ao final da maioria dos sermões. Onde estão os sermões que, do início ao fim, argumentam, explicam e provam, com base nas Escrituras, que Jesus é o Cristo? Onde estão os sermões preparados especificamente para expulsar de cada esconderijo e fenda iníqua os pecadores, até que se prostrem diante da cruz de Cristo? Onde estão os sermões que lutarão contra consciências entenebrecidas, até que estas vejam sua necessidade de reconciliação com Deus, por intermédio de Jesus Cristo? Para onde foram os sermões sobre fogo e enxofre do inferno, pregados nas gerações passadas? Onde estão os sermões semelhantes aos de George Whitefield,

aos dos irmãos Wesley, Howell Harris, Jonathan Edwards e Asahel Nettleton?

Quero assegurar-lhes desde o início que não estou, de maneira alguma, sugerindo que temos de alcançar tal proeminência em resultados evangelísticos, a ponto de encontrarmos nossos nomes no “Rol da Fama” dos evangelistas. Isso seria esperar demais. Temos diferentes dons e diferentes graus de talentos. Alguns são mais dotados em pregação evangelística, enquanto outros realizam melhor trabalho ministrando aos crentes. Quanto a isto não tenho dúvida. O que estou dizendo é que todos nós, chamados ao ministério de pregação, temos de fazer algo para recuperar o ofício perdido da pregação evangelística, antes que o percamos completamente. Está se tornando bastante difícil encontrar pregadores que realizem conferências evangelísticas nas igrejas; porém,

encontramos pregadores em abundância, quando desejamos que alguém realize uma conferência sobre a vida cristã bem-sucedida,

Quando consideramos as palavras finais do apóstolo Paulo a Timóteo, um jovem pastor em Éfeso, não há dúvida de que a pregação evangélica foi um dos deveres sobre os quais Timóteo foi exortado a não negligenciar. Timóteo foi instruído a realizar a obra de evangelista como parte do cumprimento de todos os deveres do seu ministério. Temos de fazer o mesmo. Em meio ao árduo labor de ensinar aos crentes os fundamentos da fé e como eles devem viver, também precisamos ocupar-nos com labores evangélicos. Em meio ao trabalho de guiar o povo de Deus à vida eclesial apropriada, também precisamos levar pecadores a Cristo. Não devemos realizar somente um aspecto ou outro do ministério. Temos de realizar ambos.

POR QUE ESTAMOS PERDENDO A PREGAÇÃO EVANGÉLICA?

Não tenho dúvida de que a ligação das igrejas com o arminianismo e as poderosas táticas de pressão, recentemente usadas para trazer as pessoas “à frente”, constituem uma das razões por que a pregação evangélica tem desaparecido. Qualquer pastor interessado em ter um ministério que honra a Deus desejará se manter tão distante quanto possível dessas táticas.

Um estudo elementar da História da Igreja demonstrará que o apelo para vir à frente é uma inovação

moderna que tem, no máximo, cem anos de existência. Portanto, faremos bem em rejeitá-lo como parte da pregação evangélica. Mas receio que, ao abandonarmos completamente a pregação evangélica por causa deste apelo, nos despojemos inconscientemente de algo valioso. Sim, temos de odiar qualquer tipo de manipulação. Isto traz bodes à membra da igreja e, deste modo, compromete o testemunho da igreja no mundo. Entretanto, a pregação evangélica tem de ser vista como o fundamento de nossa chamada ao ministério.

Infelizmente, o ofício perdido da pregação evangélica resultou no ofício perdido do evangelismo pessoal. Visto que os membros das igrejas não vêm no púlpito uma paixão pelas almas, estão perdendo esta paixão em seu viver. A igreja reflete aquilo que vê no púlpito. Além disso, a vantagem de ter pregação evangélica, no púlpito, é que os crentes têm regularmente, diante de si, um modelo a respeito de como apresentar, com eficiência, o evangelho aos não-crentes. Uma igreja nunca atingirá um nível mais elevado do que o de seu púlpito. Se o púlpito está indo mal em alcançar os pecadores, o restante da igreja irá de maneira semelhante. Isto explica o desaparecimento da prática de testemunhar com a finalidade de ganhar almas em nossos dias. Nós, pregadores, somos culpados!

Embora tenhamos de nos preocupar com a pregação evangélica “fora da igreja”, onde os pecadores estão, não podemos negligenciar a necessidade de pregarmos evangélicamente para aqueles que frequen-

tam, com regularidade, a igreja. Alguns crentes acham que isto é desnecessário porque, dizem eles, as pessoas que freqüentam a igreja são crentes. Mas, isto é realmente verdade? Talvez seja verdade em alguns países do Ocidente nos quais a igreja está morrendo.

O que tenho observado, na África e em muitas partes do mundo onde já preguei, é que considerável número de pessoas que estão na igreja aos domingos é constituído de não-crentes. Estes precisam ouvir o evangelho não como um anexo ao final do sermão preparado para crentes, e sim como uma mensagem que almeja alcançá-los de modo específico. A pregação evangelística na igreja também estimula os crentes a convidarem seus amigos e colegas de trabalho, que eles procuram trazer a Cristo. Os crentes estão certos de que, se o convite for aceito, os seus amigos certamente ouvirão o evangelho.

A pregação evangelística também é edificante e revigorante para os crentes. A cruz apresentada novamente, com o apelo da pregação evangelística, geralmente faz os crentes dizerem: “Sabem, se eu ainda não fosse crente, teria entregado minha vida a Cristo hoje”. Eles vêem, uma vez mais, a tolice e a futilidade de uma vida sem Cristo, e as fontes de amor por Cristo jorram outra vez, ao contemplarem o derramamento do sangue na cruz.

A apresentação do leite das doutrinas evangélicas de redenção — o novo nascimento, a união com Cristo, a justificação, etc. — alimentam a alma do crente na mesma propor-

ção que o faz a carne forte da Palavra. Por conseguinte, a pregação evangelística também será boa para os crentes, enquanto não for a única dieta pela qual eles vivem.

DESAFIOS DA PREGAÇÃO EVANGELÍSTICA

Um dos desafios enfrentados pela pregação evangelística é que os pastores têm de focalizar-se no homem comum. Pregar tendo como alvo os crentes oferece a vantagem de que se pode imaginar quais são os interesses deles, desde o preparo do sermão. Afinal de contas, eles pagam o pastor para fazer esse trabalho! Mas, no caso dos incrédulos, a atenção deles tem de ser conquistada. Você tem de ganhar o direito de ser ouvido e isto desde os primeiros dez minutos.

Além disso, você pode ser bem-sucedido ao utilizar muitos termos conhecidos pelos crentes, ao pregar para eles, porque todos na igreja lêem a Bíblia e usam o mesmo vocabulário teológico. Mas, quando você tem de pregar para os incrédulos, o que têm em comum é o jornal do dia e a TV. Se você almeja pregar o evangelho com eficiência, tem de usar a linguagem comum do dia-a-dia. E isto pode ser bem difícil para alguém que tem se protegido do mundo em um ambiente espiritual.

Parece que um dos desafios que a igreja enfrenta hoje, talvez mais do que em qualquer outra época da História, é a realidade de outras religiões em uma sociedade que aceita todas as religiões como filosofias igualmente aceitáveis. A pergunta comum hoje

é: “À luz da existência de outras religiões, o cristianismo não é apenas um dos muitos caminhos pelos quais o homem pode ir ao céu?” A resposta geralmente é: “Sim!” Por isso, evangelizar aqueles que são seguidores sinceros de outras religiões não é somente um ofício perdido, mas também é visto como um insulto. Portanto, uma pregação direta, fora da igreja, afirmando que Cristo é o único caminho para o céu não recebe o devido crédito. Parece mais seguro apenas afirmar isso (de modo breve!) em um sermão pregado nas dependências da igreja.

No entanto, a resposta bíblica é que todo aquele que não tem a Jesus está condenado. Isto é afirmado mesmo no pluralismo religioso de nossos dias. Temos de compreender que o pluralismo religioso não é algo novo. Em cada lugar aonde chegaram as missões pioneiras, o pluralismo teve de ser enfrentado. Quando Pedro disse a respeito de Jesus: “Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4.12), estava declarando estas palavras a líderes de uma religião preexistente.

Outro desafio da pregação evangelística freqüente é onde encontrar

textos bíblicos para manter esse ministério a cada ano. Neste aspecto, o evangelista itinerante tem a vantagem de poder repetir seus dez “mais poderosos” sermões evangelísticos aonde quer que vá. Como um pastor residente, você não goza desse luxo. Então, como podemos resolver esta questão? O erro que muitos de

nós cometemos é procurar apenas os textos bíblicos que contêm temas claros de redenção, ou seja, a Páscoa, o cordão vermelho de Raabe, a serpente de bronze feita por Moisés, etc. Depois

O que estou dizendo é que todos nós, chamados ao ministério de pregação, temos de fazer algo para recuperar o ofício perdido da pregação evangelística, antes que o percamos completamente.

de havermos pregado sobre estes textos ou outros textos evangelísticos claros (por exemplo, Isaias 55), nos sentimos emperrados e abandonamos a pregação evangelística. Esta é uma situação bastante infeliz.

A verdade é que a Bíblia tem bastante material evangelístico para o pastor gastar duas vidas com esse tipo de pregação! Se o espaço deste artigo permitisse, demonstraria isso. Mas quero indicar-lhes um mestre nesta área. Leiam duas das obras do Dr. Martyn Lloyd-Jones: *Sermões Evangelísticos* (Editora PES, São Paulo) e *Sermões Evangelísticos no Antigo Testamento* (Editora Banner of Truth, Londres). Estes livros são excelentes exemplos a respeito de

como vocês podem usar textos do Antigo e do Novo Testamento para mensagens evangelísticas.

OBTENDO PAIXÃO PELA PREGAÇÃO EVANGELÍSTICA

O segredo de perseverar no ministério da pregação evangelística é ter amor pelos perdidos que se encontram ao seu redor. Este amor o manterá pregando o evangelho especificamente para a salvação deles, como também manterá você suspirando pela salvação deles, até que Deus comece a honrar seus esforços, convertendo-os.

O apóstolo Paulo disse: “Conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens” (2 Co 5.11). Ou, conforme disse, em certa ocasião, Charles H. Spurgeon: “Se você quer ganhar almas para Cristo, sinta uma solene inquietação quanto a elas. Não será possível fazê-las sentir esta inquietação, se você mesmo não a sente. Creia no perigo em que as pessoas se encontram, creia na incapacidade delas, creia que somente Cristo pode salvá-las e fale com elas como se você quisesse realmente tratar sobre isso. O Espírito Santo comoverá essas pessoas, comovendo primeiramente a você. Se você pode ficar tranquilo diante do fato de que elas não estão salvas, elas também ficarão tranquilas. Mas, se você estiver cheio de agonia por essas almas e não puder tolerar que elas se percam, logo você descobrirá que elas também ficam inquietas. Espero que você chegue a tal condição, que sonhe com seu filho ou com seu ouvinte perecendo, porque não têm a Cristo, e

comece imediatamente a clamar: ‘Ó Deus, dá-me convertidos, se não eu morro’. Então, você terá convertidos”.

Irmãos, precisamos estar convencidos do que o mundo precisa ser salvo, se desejamos apreciar completamente quão vital é a pregação evangelística. O mundo ao nosso redor precisa ser salvo do poder do pecado, que escraviza e cega, e da culpa resultante do pecado. Lembrem-se: todos somos nascidos com uma natureza corrupta, que nos cega de modo que não vemos as coisas de Deus. Esta natureza também nos dá uma propensão para o mal; por conseguinte, a impiedade é o fruto desta natureza. Somos incapazes de mudar tal condição. Nascemos culpados diante de Deus, por causa do pecado de Adão e de nossos próprios pecados; isto implica que, por natureza, somos objetos da ira de Deus. O poder e a culpa do pecado fazem com que o nosso caso seja desesperador. Estes fatos não são apenas bíblicos, mas também descobertos na experiência.

Tendo este quadro terrível diante de si, os apóstolos afirmaram que existe somente uma fonte de salvação — Cristo. Em vez de contender a respeito desta singularidade do evangelho, devemos nos admirar quando uma pessoa encontra a salvação. Tudo o que precisamos fazer é considerar nossa vida passada e observar como estávamos presos ao pecado. Provavelmente, experimentamos uma religião após outra, mas nossa consciência nunca ficou satisfeita. Todas as religiões falham porque vêm a raça humana como seres

em processo de provação (e, evidentemente, falhos). As religiões estão dizendo a um escravo e prisioneiro que liberte-se a si mesmo. É impossível! A salvação tem de começar com o apaziguamento de Deus, então Ele salvará o homem. Isto é algo que somente o pregador cristão pode oferecer, em sua pregação evangelística.

É nisto que vemos a absoluta necessidade do evangelho, que começa com o apaziguar a Deus na cruz de Cristo. Ele foi “dado aos homens” mediante sua morte sacrificial. Sofreu a ira de Deus como nosso substituto. A morte de Cristo, na cruz, removeu o nosso pecado e a ira de Deus. Para mostrar que ficou plenamente satisfeito com o pagamento, Deus ressuscitou a Jesus dentre os mortos. Jesus ascendeu ao céu, de onde enviou o Espírito Santo, que nos regenera, nos convence, nos mostra

a Jesus, nos salva e nos santifica. Todo pregador do evangelho deve proclamar esta mensagem pelo menos uma vez por semana, em seu púlpito. Temos um grande Salvador. Ele tem de ser proclamado!

Esta é a razão por que a pregação evangelística está se tornando cada vez mais um ofício perdido. Você, que tem sentido as dores de uma consciência culpada e que tem encontrado paz com Deus; você, que sentiu as inflexíveis algemas do pecado e já encontrou liberdade em Cristo, ofereça esta liberdade aos perdidos, que perecem! Pare de desperdiçar seu tempo tentando comparar as religiões. Por que procurar vida entre os mortos? Proclame o único evangelho até seu último dia de vida. Permita que as pessoas do mundo saibam que podem implorar que Cristo as salve e que podem experimentar o poder salvador dEle. Amém!

VENCENDO A TENTAÇÃO

John Owen

Nosso grande Modelo revelou-nos qual deve ser nossa conduta em todas as tentações e provações. Quando Satanás Lhe mostrou “todos os reinos do mundo e a glória deles”, para tentá-Lo, o Senhor não se pôs de pé e ficou a olhar para eles, contemplando a glória deles e pensando no domínio sobre eles... Pelo contrário, instantaneamente e sem demora, Ele ordenou a Satanás: “Retira-te, Satanás”. Logo que a tentação Lhe sobrevier, enfrente-a com pensamentos de fé a respeito de Cristo e sua cruz. Isto fará com que a tentação sucumba diante de você. Não converse nem dispute com a tentação, se você deseja vencê-la.

ENTRETENIMENTO

— UMA ESTRATÉGIA DO INIMIGO —

Archibald Brown

(Sucessor no púlpito de C.H. Spurgeon)

Cada época requer sua própria maneira de testemunhar. A sentinela que é fiel ao seu Senhor e à cidade do seu Deus precisa observar atentamente os sinais dos tempos e dar ênfase ao seu testemunho, de modo apropriado. Acerca do alerta que se requer no tempo presente, há bem pouca ou quase nenhuma dúvida. Na seara do Senhor, existe um mal tão grosseiro e tão atrevido em sua falta de pudor, que, dentre os homens espirituais, o de menor visão dificilmente deixaria de perceber.

Durante os últimos anos, este mal tem se alastrado de uma maneira fora do comum, mesmo para uma atividade maligna. Tem funcionado como fermento; e, até agora, a massa continua crescendo. Em qualquer direção que você olhe, a presença deste mal se faz manifesta. Há pouco, ou quase nada, a escolher entre as igrejas, capelas ou encontros missionários. Embora possam diferir em alguns

aspectos, eles exibem uma semelhança impressionante nos cartazes que abarrotam seus quadros de avisos. Entretenimento para o público é a principal atração divulgada em cada cartaz. Se qualquer dos meus leitores duvidar de minha afirmativa ou considerá-la muito radical, que dê uma volta pelas igrejas da vizinhança e olhe no quadro de anúncios da semana; ou que leia as divulgações religiosas nos periódicos locais. Eu tenho feito isto vez após vez, até a total comprovação do fato terrível de que o entretenimento tem usurpado, como grande atração, o lugar da pregação do evangelho. *Concertos, divertimentos, bazares, sociais, esquetes* — são as palavras destacadas em letras grandes e cores surpreendentes. Os concertos musicais têm sido crescentemente considerados como parte integrante da vida da igreja, equiparando-se à reunião de oração, e, na maioria dos lugares, têm

sido bem mais freqüentados do que esta.

A menos que se levantem algumas vozes firmes que se façam ouvir, o *provimento de recreação às pessoas* logo será visto como uma parte necessária do culto cristão e como uma obrigação para a igreja de Deus, à semelhança de um mandamento divino. Não presumo ser uma dessas vozes, mas nutro a esperança de poder despertar outras que ecoem mais alto. De qualquer forma, repousa sobre mim o peso do Senhor quanto a este assunto, e submeto a Ele o fazer repercutir o meu testemunho ou o deixá-lo evaporar em silêncio. Em ambos os casos terei cumprido o meu dever. Contudo, minha mente se enche da convicção de que, em todos os lugares, existem homens e mulheres fiéis que enxergam o perigo e o lamentam. Estes apoiarão meu testemunho e minha advertência.

Só durante os últimos anos o *entretenimento* tem se tornado uma reconhecida arma de nosso combate e se desenvolvido a nível de missão. Neste aspecto tem ocorrido uma constante *decadência*. Partindo de uma posição contrária, como a dos Puritanos, a igreja vem amenizando, gradualmente, suas objeções, ignorando e justificando as frivolidades diárias. Então, elas têm sido toleradas no meio cristão, que agora as adotou e providenciou-lhes lugar em suas atividades, sob o pretexto de *alcançar as massas e aproximar-se dos ouvidos do povo*. Poucas vezes o diabo tem feito coisa mais esperta do que dar à igreja de Cristo a sugestão de que parte de sua missão é

prover entretenimento, com o objetivo de atrair pessoas às suas fileiras. A natureza humana, que habita em cada coração, tem mordido a isca. Eis, agora, uma oportunidade de se gratificar a carne e, ainda assim, manter uma consciência tranqüila. Pode-se, agora, agradar a si mesmo, com a finalidade de fazer o bem a outros. A rude e antiga cruz já pode ser trocada por *roupas da moda*, e isto com o propósito benevolente de edificar as pessoas. Tal quadro é muito entristecedor, e ainda mais porque pessoas verdadeiramente sinceras têm sido levadas pelo pretexto ilusório de que esta é uma forma de serviço cristão. Elas se esquecem de que um anjo de aparência bela pode ser o próprio diabo, “porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz” (2 Co 11.14).

Minha primeira argumentação é que *em nenhum lugar das Sagradas Escrituras é mencionado que uma das funções da igreja é prover entretenimento ao povo*.

Mais adiante, veremos quais são seus deveres, mas no momento estamos tratando do lado negativo da questão. É certo que, se o nosso Senhor tivesse planejado que sua igreja fosse provedora de entretenimento, para neutralizar a ação do deus deste século, dificilmente teria deixado de mencionar uma obra tão importante. Se este é um trabalho cristão, por que Cristo não fez ao menos uma alusão a ele? A ordem “ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15) é suficientemente clara. Se Ele tivesse acrescentado: “E providenciai entretenimento aos que não apreciam o evangelho”, te-

ria sido igualmente claro. Contudo, tal complemento não é encontrado, nem qualquer expressão equivalente, em nenhuma das declarações do nosso Senhor. Este tipo de serviço parece não lhe ter ocorrido à mente. Em outra ocasião, Cristo, como Senhor ressurreto, deu à sua igreja homens com qualificações especiais para a continuação de sua obra, mas

não mencionou qualificação alguma para o referido tipo de serviço. “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pas-

tores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.11,12). Onde os entretenedores do público entram? O Espírito Santo se cala a respeito deles; e o seu silêncio é eloqüente.

Se prover recreação no culto faz parte do trabalho da igreja, certamente poderíamos encontrar alguma promessa bíblica para encorajá-la em sua laboriosa tarefa. Mas, onde encontrá-la? Há uma promessa sobre a Palavra: “A palavra... não voltará para mim vazia” (Is 55.11). Há uma declaração procedente de um coração exultante a respeito do evangelho: “É o poder de Deus” (Rm 1.16). Há,

também, para o pregador do evangelho, a doce segurança de que ele é um aroma agradável a Deus (2 Co 2.15), quer seja bem-sucedido, quer não — a julgar pelo que o mundo considera ser sucesso. Há, ainda, a bem-aventurança aos que com seu testemunho, ao invés de entreterem o mundo, despertam sua ira: “Bem-aventurados sois quando, por minha

causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos

— ■ —

Os concertos musicais têm sido crescentemente considerados como parte integrante da vida da igreja, equiparando-se à reunião de oração, e, na maioria dos lugares, têm sido bem mais freqüentados do que esta.

— ■ —

profetas que viveram antes de vós” (Mt 5.11,12). Os profetas foram perseguidos por que agradaram o povo ou por que se recusaram a entretê-lo? O evangelho do entretenimento não produz mártires. É inútil alguém procurar por uma promessa de Deus quanto à recreação [espiritual] para um mundo iníquo. Aquilo que não tem autoridade da parte de Cristo, nem qualquer apoio do Espírito ou promessa vinculada a si por intermédio de Deus, só pode ser uma atividade hipócrita, quando reivindicada ser *uma faceta do serviço do Senhor*.

Continuando, *prover entretenimento ao povo é algo diretamente antagônico ao ensino e à vida de*

Cristo e de seus apóstolos.

Qual deve ser a atitude da igreja em relação ao mundo, de acordo com o ensino do Senhor? Rígida separação e oposição inflexível. Se, por um lado, os lábios do Senhor jamais sugeriram o agradar o mundo, a fim de conquistá-lo, ou o adaptar métodos ao gosto dele; por outro lado, é constante e enfática sua exigência de desapego ao mundo. Ele apresentou de forma objetiva o que os seus discípulos deveriam ser: “Vós sois o sal da terra” (Mt 5.13). Sim, o sal! — não o algodão doce ou bolo com recheio de creme, mas algo que o mundo estaria mais disposto a cuspir do que a engolir com satisfação. Algo mais propenso a trazer lágrimas aos olhos do que riso aos lábios.

As declarações são curtas e penetrantes: “Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus” (Lc 9.60); “Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (Jo 15.19); “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33); “Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo” (Jo 17.14); “O meu reino não é deste mundo” (Jo 18.36).

É difícil serem conciliadas estas passagens com a idéia moderna de que a igreja deve prover entretenimento aos que não têm inclinação para as coisas mais sérias — em outras palavras, agradar o mundo. Se esses textos trazem quaisquer ensinamentos, não são outros senão

estes: que a fidelidade a Cristo suscitará a ira do mundo e, que Cristo tencionava que seus discípulos compartilhassem com Ele o escárnio e a rejeição do mundo. Como Jesus agia? Quais eram os métodos da única testemunha perfeitamente fiel que o Pai já teve?

Visto que ninguém questionará que Jesus tinha como alvo o ser modelo para seus servos, vamos observá-Lo mais demoradamente. Como é significativo o relato introdutório dado por Marcos! “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o Evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no Evangelho” (1.14,15). No mesmo capítulo, respondendo ao aviso dado pelos discípulos de que todos O buscavam, nós O encontramos, dizendo: “Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim” (v. 38). Em Mateus, nós lemos: “Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar, nas cidades deles” (11.1). E, em resposta à pergunta de João — “És tu aquele que estava para vir?” (Mt 11.3) — Ele disse: “Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (Mt 11.4,5). Não faz parte deste relatório qualquer item do tipo: *Os desinteressados recebem entretenimento, e os que estão perecendo são providos de recreação inocente.*

Não somos deixados em dúvida quanto à substância de sua pregação, pois lemos: “Muitos afluíram para ali, tantos que nem mesmo junto à porta eles achavam lugar; e anunciava-lhes a palavra” (Mc 2.2). Não houve mudança na metodologia adotada pelo Senhor, durante o curso de seu ministério; nem veio Ele a aprender, pela experiência, um método melhor. Sua primeira ordenança aos seus evangelistas foi: “E, à medida que seguides, pregai” (Mt 10.7); e sua última ordem a eles: “Pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15). Evangelista algum jamais sugeriu que, em qualquer tempo de seu ministério, Jesus tenha deixado a pregação para entreter as pessoas, com o propósito de atraí-las. Ele tinha uma seriedade diligente, e assim era o seu ministério. Se tivesse sido mais flexível e inserido elementos atrativos em sua missão, Ele teria sido mais popular.

Contudo, na ocasião em que muitos de seus discípulos voltaram atrás, por causa da natureza penetrante de sua pregação, não observamos que houve qualquer tentativa de aumentar o número daquela reduzida congregação, valendo-se de algo mais agradável para a carne. Tampouco o ouvimos dizer: *Precisamos manter a audiência, de qualquer maneira. Então, Pedro, corre em busca daqueles amigos e diz-lhes que amanhã teremos um tipo diferente de culto — uma reunião muito breve e atrativa, com pouca ou talvez nenhuma pregação. Hoje o culto foi dedicado a Deus, mas amanhã teremos uma noite agradável dedicada ao povo. Diz-lhes que certamente irão gostar e te-*

rão momentos agradáveis. Vai, rápido, Pedro! Precisamos ganhar o povo a qualquer custo. Se não for pelo evangelho, então que seja pela tolice. Não! Não foi assim que Ele argumentou. Fitando com tristeza os que não quiseram dar ouvidos à Palavra, simplesmente voltou-se para os doze e lhes perguntou: “Quereis também vós outros retirar-vos?” (Jo 6.67).

Jesus sentia dó dos pecadores, apelava para eles, lamentava por eles, os advertia, pranteava por eles, mas nunca buscou diverti-los. Quando as sombras do entardecer da sua vida consagrada estavam se aprofundando na noite da morte, Ele reviu seu santo ministério e encontrou conforto e doce consolo no pensamento: “Eu lhes tenho dado a tua palavra” (Jo 17.14). Os discípulos agiram como o Mestre — o ensinamento deles é um eco do ensinamento de Jesus. Em vão estudaríamos as epístolas a fim de descobrir qualquer traço de um evangelho de entretenimento. O mesmo chamado para a separação do mundo está em cada uma delas. “Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos” é a ordem em Romanos 12.2. “Retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras” (2 Co 6.17) é o chamado das trombetas aos coríntios. Em outras palavras, este chamado é: *Retire-se — Permaneça fora — Mantenha-se limpo*, pois “que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno?” (2 Co 6.14,15)

“Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu,

para o mundo” (Gl 6.14). Aqui está o verdadeiro relacionamento entre a igreja e o mundo, de acordo com a epístola aos gálatas. “Portanto, não sejais participantes com eles” (Ef 5.7). “E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as” é a atitude ordenada em Efésios 5.11. “Filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo, preservando a palavra da vida” são as palavras em Filipenses 2.15,16. “Mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo” diz a epístola aos Colossenses (2.20 - ARC).

“Abstende-vos de toda forma de mal”, é a exigência em 1 Tessalonicenses 5.22.

“Assim, pois, se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor” é a palavra dada a Timóteo (2 Tm 2.21). “Saíamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério” é a heróica intimação de Hebreus 13.13. Tiago, com uma dureza santa, declara que “a amizade do mundo é inimiga de Deus” (Tg 4.4). Pedro escreveu: “Não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento” (1 Pe 1. 14,15). João escreveu uma epístola inteira sobre o tema: “Não ameis o mundo nem as

coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2.15-17).

Aqui estão os ensinamentos dos apóstolos quanto ao relacionamento da Igreja com o mundo. E ainda diante deles, o que vemos e ouvimos? Um compromisso amigável entre os dois e um esforço insano de

■

*O evangelho do
entretenimento não
produz mártires.*

■

trabalhar em parceria para o bem das pessoas. Deus nos ajude e dissipe a forte ilusão. Como os apóstolos faziam seu trabalho missionário? Em harmonia com seus ensinamentos? Deixemos que os Atos dos Apóstolos dêem a resposta.

A ausência de qualquer coisa que se assemelhe ao mundanismo dos dias de hoje é notável. Os antigos evangelistas tinham confiança ilimitada no poder do Evangelho e não usavam outra arma. O Pentecostes veio após uma pregação simples. Quando Pedro e João estiveram presos durante uma noite por pregar a ressurreição, a Igreja primitiva teve uma reunião de oração. Quanto à libertação deles, a petição oferecida foi: “Agora, Senhor... concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra” (At 4.29). Eles

não tinham em mente orar: *Concede aos teus servos mais criatividade, de maneira que pelo sábio e característico uso de passatempos, eles possam evitar a ofensa da cruz e mostrar docemente a essas pessoas quão contentes e alegres somos.*

A acusação feita pelos membros do Sinédrio contra os apóstolos foi: “Enchestes Jerusalém de vossa doutrina” (At 5.28). Não há muita probabilidade desta acusação ser levantada contra métodos modernos. A afirmação: “Todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (At 5.42), descreve o trabalho dos apóstolos. Claramente, *não cessavam* de ensinar e pregar, não tinham tempo para organizar entretenimentos; eles se empenhavam continuamente “ao ministério da palavra” (At 6.4). Dispersos pela perseguição, os discípulos primitivos “iam por toda parte pregando a palavra” (At 8.4).

Quando Filipe foi à Samaria, houve motivo de “grande alegria naquela cidade” (At 8.8). O único método registrado é “anunciava-lhes a Cristo” (At 8.5). Quando os apóstolos visitaram o campo de trabalho de Filipe, foi dito: “Eles, porém, havendo testificado e falado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém e evangelizavam muitas aldeias dos samaritanos” (At 8.25). Quando acabaram de pregar, voltaram diretamente para Jerusalém. É evidente que durante sua missão, eles não pensaram em ficar e organizar umas *noites agradáveis* aos descrentes.

Naqueles dias, as congregações esperavam nada além da Palavra do Senhor. Cornélio disse a Pedro: “Es-

tamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor” (At 10.33). A mensagem dada foi sobre palavras “mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa” (At 11.14). Causa e efeito estão proximamente ligados em Atos 11.20,21: “Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus. A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor”. Aqui vemos o método deles – pregação. O assunto deles – o Senhor Jesus. O poder deles – a mão do Senhor ao seu lado. O sucesso deles – muitos creram.

O que mais a Igreja de Cristo precisa hoje?

O relato sobre o trabalho conjunto de Paulo e Barnabé é “o Senhor, ... confirmava a palavra da sua graça” (At 14.3). Quando numa visão, Paulo ouve um homem da Macedônia dizendo: “Passa à Macedônia e ajuda-nos” (At 16.9), ele indubitavelmente deduz que o Senhor o chamara a fim de pregar o Evangelho às pessoas daquele lugar. Por quê? Como ele soube se a ajuda necessitada era de iluminação para a vida deles por meio de um pouco de entretenimento ou o refinamento de seus costumes por meio de conhecimento fundamentado em diversão descompromissada? Ele nunca pensou em tais coisas. *Passa e ajuda-nos!* Significava para Paulo: *Pregue o evangelho.* “Paulo, segundo o seu costume, ali entrou, e por três sábados discutiu com eles, tirando argumentos das Escrituras” (At 17.2 -

Tradução Brasileira). Perceba: eles discutiam não sobre as Escrituras, e sim tiravam argumentos delas, “expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos...” (At 17.3). Esta era a *forma* do trabalho evangélico naqueles dias e parece ter sido maravilhosamente poderosa, pois o veredicto das pessoas foi: “Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui” (At 17.6). Atualmente, o mundo está transtornando a igreja; esta é a grande diferença.

Quando Deus disse a Paulo que tinha muita gente em Corinto, lemos: “E ali permaneceu um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus” (At 18.11). Evidentemente, Paulo concluiu que a única forma de liderá-los era pela Palavra. Um ano e meio e apenas um método adotado. Maravilhoso! Se estivéssemos naquela época, provavelmente teríamos uma dúzia! Mas Paulo nunca considerou como parte de seu ministério o arranjar coisas agradáveis aos incrédulos. Em seu aprisionamento e enquanto viajava para Jerusalém, ele disse: “Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus” (At 20.24). Este era todo o ministério que ele conhecia. A última descrição que temos dos métodos deste príncipe dos evangelistas revela concordância com tudo que aconteceu antes: “Desde a manhã até à tarde, lhes fez uma exposição em testemunho do reino de Deus, procurando persuadi-los a respeito de

Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas... pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo” (At 28.23,31). Que contraste com todo o lixo e absurdo agora praticado no santo nome de Cristo! Que o Senhor limpe a igreja de todo entulho que o demônio tem imposto sobre ela e nos traga de volta a métodos apostólicos!

Por último, *a missão do entretenimento falha absolutamente em efetuar o fim desejado entre os não-salvos e causa estragos entre os recém-convertidos.*

Mesmo que tal missão fosse bem-sucedida, seria nada menos que errada. O sucesso pertence a Deus; fidelidade às instruções dEle cabe a mim. Mas a missão do entretenimento não é bem-sucedida. Teste-a pelos resultados e descobrirá uma desprezível falha. Que seja usado o método provado pelo fogo; o veredicto será *a pregação da Palavra – que é o poder.*

Mostre-me os convertidos ganhos pelo entretenimento! Comece com as meretrizes e bêbados, com os quais o divertimento foi o primeiro passo rumo à conversão deles! Deixemos que falem e testemunhem os zombadores e negligentes, que agradecem a Deus pela igreja ter abrandado seu espírito de separação e servi-los mesmo no meio de seu mundanismo. Deixemos expressar sua alegria, os esposos, esposas e filhos que por conta das *Palestras Dominicais sobre Questões Sociais* regozijam-se em um novo e santo lar. Que as almas cansadas e sobrecar-

regadas que encontraram a paz através de concertos musicais não mais permaneçam em silêncio. Deixemos os homens e mulheres que encontraram Cristo através de uma reversão dos métodos apostólicos declararem e mostrarem a grandeza do erro de Paulo, quando disse: “Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2.2). Não há voz ou qualquer outra coisa para responder a estes desafios. A falha é equivalente à insensatez e é tão grande como o pecado. Dentre os milhares com quem tenho conversado pessoalmente, a missão do entretenimento não levou à conversão verdadeira.

Agora observemos aqueles que, repudiando qualquer outro método, apostam tudo *na Bíblia e no Espírito Santo*. São desafiados a produzir resultados, mas não há necessidade. A aprovação de Deus é atestada pela transformação de vidas. Por dez mil vezes, dez mil vozes estão prontas a declarar que a simples pregação da Palavra foi, em primeiro e último lugar, a causa de sua salvação.

E quanto ao outro lado da questão – quais os efeitos nocivos? Também são insignificantes? Aqui darei meu testemunho tão solenemente como se estivesse diante do Senhor. Por meio desse novo procedimento é difícil ver um pecador salvo, e sim apóstatas. Repetidamente, crentes jovens e às vezes aqueles mais experientes chegam até mim em lágrimas e me perguntam o que fazer, porquanto perderam toda paz e caíram em pecado. Muitas vezes tem sido feita a confissão: *Eu comecei a pecar ao frequentar encontros de diver-*

timentos mundanos patrocinados por cristãos. Recentemente, um jovem de alma agonizante me disse: *Eu nunca pensei em ir ao teatro até que, numa pregação, meu pastor convenceu-me o coração de que não havia mal em ir. Fui e tenho estado de mal a pior. Agora sou um miserável apóstata, e ele é o responsável*.

Quando jovens convertidos começam a esfriar, abandonam as reuniões de oração e tornam-se mundanos, quase sempre descubro que o cristianismo mundano é o responsável pelo primeiro passo decadente. O entretenimento é usado pelo diabo como meio-caminho para o mundo. Por causa do que vi, escrevo, de bom grado, com intensidade e vigor. O entretenimento traz podridão à Igreja de Deus e destrói seu serviço ao Rei. Com aparência de cristianismo, tal método realiza o próprio trabalho do diabo. Sob o pretexto de sair a alcançar o mundo, ele carrega nossos filhos e filhas para o mundo. Com o apelo: *não sejam as massas alienadas com a rigidez*, ele está seduzindo os jovens discípulos “da simplicidade e pureza devidas a Cristo” (2 Co 11.3). Professando ganhar o mundo, ele está transformando o jardim do Senhor num parque de diversões. Para encher o templo com aqueles que não vêem beleza em Cristo, é colocado na entrada um porteiro cujo sorriso encobre espírito demoníaco.

Não é de admirar que o Espírito Santo, ferido e insultado, retire sua presença, pois “que harmonia, entre Cristo e o Maligno?... Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos?” (2 Co 6.15,16)

“Retirai-vos do meio deles!” É o

chamado de hoje. Santifiquem-se. Retirem o mal do seu meio. Derrubem os altares do mundo e destruam seus postes-ídolos. Recusem sua proposta de auxílio. Rejeitem a ajuda dele, assim como seu Mestre liqüidou o testemunho dos demônios, “não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem ele era” (Mc 1.34). Renunciem todas as diretrizes do presente século. Pisem as armaduras de Saul. Agarrem-se à Palavra de Deus; confiêm no Espírito que escreveu as páginas dela. Lutem sempre com esta arma e apenas com ela.

Parem de entreter e de tentar estimular. Evitem aplausos de um auditório satisfeito e atentem para os soluços de um genuíno convertido. Desistam de tentar *agradar* a homens quem têm apenas um sopro entre sua alma e o inferno; e advirtam, supliquem e peçam como aqueles que sentem as águas da eternidade cobrindo-os. Que a igreja mais uma vez confronte o mundo; testifique contra ele; encontre com ele apenas atrás da cruz. E, assim como o seu Senhor, a igreja superará e com Cristo compartilhará a vitória.

A SI MESMO SE HUMILHOU

Filipenses 2.8

C. H. Spurgeon

Coloque-se ao pé da cruz e conte as gotas de sangue por meio das quais você foi purificado. Veja a coroa de espinhos e os ombros de nosso Senhor ainda feridos e jorrando o fluxo vermelho de seu sangue. Contemple as mãos e os pés de nosso Senhor cravados pelo ferro áspero, bem como todo o seu Ser desprezado e escarnecido. Veja a angústia, o sofrimento e as dores intensas da agonia íntima do Senhor revelando-se em sua aparência exterior. Ouça o deprimente clamor: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46) Se você não está humilhado na presença de Jesus, ainda não O conhece. Você estava tão perdido, que nada poderia salvá-lo, exceto o sacrifício do unigênito Filho de Deus. Visto que Jesus se humilhou por causa de você, prostre-se em humildade aos pés dEle. Uma compreensão do admirável amor de Cristo possui mais tendência de humilhar-nos do que a compreensão de nossa própria culpa. O orgulho não pode subsistir debaixo da cruz. Assentemo-nos ali e aprendamos nossa lição. Depois, levantemo-nos e a coloquemos em prática.

Extraído do livro “Leituras Diárias”, vol. 1, Editora Fiel.

FALSIFICANDO A PALAVRA DE DEUS

Geoffrey Thomas

Pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade.

2 Coríntios 4.2

A grande reivindicação do apóstolo Paulo foi nunca haver falsificado a Palavra de Deus. Infelizmente, porém, muitos o fazem hoje. Como?

Primeiramente, *por meio de manipulação psicológica ou de “lavagem cerebral”*. Você pode mudar as atitudes das pessoas para com o cristianismo, mediante o retirá-las de seu ambiente familiar, levá-las a menosprezar os seus laços familiares, por meio da utilização de horas contínuas de cânticos e de música ritmada, mediante o construir uma dependência dos líderes, ou por roubar-lhes o sono, ou estimular suas emoções, ou ameaçá-las com terríveis juízos, se elas abandonarem o seu grupo, ou por forçá-los a seguirem um regime de estudos, ou, ainda, por meio de

devoções e de testemunho pessoal do evangelho nas ruas, semanalmente.

Este excessivo programa degrada e insulta as pessoas. Nenhum crente genuíno, que acredita na verdade bíblica e no ensino de que o homem e a mulher foram criados à imagem de Deus, desejaria seguir por muito tempo um tipo de programa desses.

NÃO ESTÁ À VENDA

Em segundo lugar, *por meio da utilização de técnicas de marketing*. Vivemos em uma sociedade em que os anúncios dizem às pessoas que coisas admiradas e desejadas por elas estão sendo oferecidas aqui e agora mesmo.

A igreja pode tomar para si essa

idéia e começar a se tornar proeminente em oferecer às pessoas ajuda a respeito de como lidar com seus relacionamentos ou com a solidão, aconselhando-as sobre como se tornarem pessoas bem-sucedidas ou como se recuperarem de vícios ou depressões, etc.

Esta, porém, não é a mensagem cristã e jamais pode tornar-se a mensagem cristã. Deus, que é nosso Criador e Juiz, nos tem dado sua própria mensagem. A Bíblia não está à venda; portanto, ela não precisa de vendedores eficazes.

A Bíblia não está à procura de patrocinadores. Não pode haver descontos, nem ofertas especiais por meio dos quais os pecadores podem obter alguma coisa ao preço que eles desejam.

O evangelho é sempre gratuito, mas nos foi trazido a um custo terrível pelo Senhor Jesus. O evangelho não precisa de qualquer intermediário.

A Bíblia não está em competição com outras comodidades que são oferecidas aos consumidores no mercado de pechinchas da vida. O evangelho não está aqui para ser vendido a qualquer preço para o mais experimentado licitante.

O mundo tem dificuldade em elevar os homens para alcançarem o seu preço; nós temos dificuldade em fazer os homens rebaixarem-se para atingir o preço de Deus — “Nada em minha mão eu trago, tão-somente à cruz me apeço”.

TRANSFORMADO

Em terceiro lugar, *por meio da*

incredulidade modernista. A Dra. Eta Linnemann era uma acadêmica em uma universidade da Alemanha. Ela estudou sob a instrução de Rudolf Bultmann e Ernst Fuchs; ela pertencia à mesma escola anti-sobrenatural de filosofia deles.

Ela ingressou numa carreira de autora e professora de teologia, na Alemanha Ocidental. Sua abordagem básica, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, dizia o seguinte: “Qualquer que seja o significado do texto bíblico, ele não pode ser verdadeiro. Por isso, constantemente encontramos dificuldades no texto das Escrituras e, em seguida, nós as solucionamos com ingenuidade”.

Falsificação é a essência do modernismo e quase destruiu a Dra. Eta Linnemann. Mas ela encontrou-se com alguns crentes vibrantes que conheciam pessoalmente a Jesus como seu Senhor e Salvador.

Ela escreveu: “Deus agarrou minha vida em seus laços salvadores e começou a transformá-la de maneira radical. Minhas inclinações destrutivas foram substituídas por uma fome pela Palavra dEle e pela comunhão com os verdadeiros cristãos...”

“Repentinamente, ficou claro para mim que meu ensino era um caso de um cego guiando outro cego. Eu me arrependi da maneira errada como havia instruído os meus alunos. Um mês depois disso, sozinha em meu quarto, distante de qualquer influência de outros ao meu redor, deparei-me com uma decisão momentosa.

“Eu continuaria a controlar a Bíblia, utilizando meu intelecto, ou per-

mitiria que meu raciocínio fosse transformado pelo Espírito Santo? João 3.16 trouxe luz a esta decisão, pois eu havia experimentado a verdade desse versículo. Minha vida agora considerava o que Deus havia feito por mim” (*Historical Criticism of the Bible*, pp. 18-19).

SURDOS PARA A VOZ DE DEUS

A Dra. Eta Linnemann chamou de “veneno” o seu ensino anterior; ela destruiu seus escritos publicados e tornou-se uma missionária na Indonésia. Isso está exatamente de acordo com o que o apóstolo afirmou em 2 Coríntios 4.2: “Pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus”.

Os liberais pararam de buscar a sabedoria de Deus por meio das Escrituras e se tornaram surdos para a voz reformadora de Deus na igreja. Arruinados pelo racionalismo, eles se tornaram incapazes de receber a Bíblia como a Palavra de Deus para o homem, aceitando-a apenas como a palavra do homem a respeito de Deus.

Eles crêem que os seres humanos são fundamentalmente bons, que não existe ninguém perdido e que crer em Jesus não é necessário para a salvação, embora auxilie algumas pessoas.

As igrejas liberais não poderiam abandonar a terminologia bíblica e, ainda, pretenderem ser cristãs. Por isso, os termos bíblicos receberam significados diferentes.

QUAL É A AGENDA?

O “pecado” tornou-se ignorância ou, ainda, a negligência de certas estruturas sociais. E “Jesus” tornou-se um modelo para um viver criativo — um exemplo ou um revolucionário. A “salvação” tornou-se libertação da opressão.

A “fé” se torna a conscientização da opressão e a vontade de fazer algo a respeito dessa opressão. O “evangelismo” significa trabalhar para vencer a injustiça entrincheirada.

O tema do Concílio Mundial de Igrejas, em 1964, foi: “O Mundo Tem de Estabelecer a Agenda”. Os liberais crêem que os interesses da Igreja devem ser os mesmos do mundo, embora isso envolva a exclusão do evangelho.

Fome, racismo, ecologia, envelhecimento, ou qualquer outro assunto que era crucial para o mundo, deveria ser a primeira preocupação para o povo cristão. Mas Deus não somente nos deu a sua Palavra para pregarmos; Ele nos deu também os métodos para realizarmos a sua obra: participação, persuasão e oração.

No entanto, renomadas igrejas têm lançado fora esses métodos, em troca de poder, política e dinheiro.

A BÍBLIA É ADEQUADA?

Os evangélicos modernos não são conscientemente heréticos. A Bíblia é a Palavra de Deus? É claro que sim. Ela é a autoridade absoluta? Sim, com certeza. É inerrante? A maioria dos evangélicos afirmam a inerrância das Escrituras.

Muito deles, porém, não crêem que a Bíblia é adequada para satisfazer os desafios contemporâneos da Igreja ou que ela é suficiente para ganhar as pessoas para Cristo. Eles têm se voltado para sermões que visam às “necessidades sentidas” das pessoas, para o entretenimento ou para os “sinais e maravilhas”.

A Bíblia (eles dizem) é insuficiente para empreender o crescimento cristão; por isso, eles se voltam para grupos de terapia ou para o aconselhamento cristão. A Bíblia é insuficiente para tornar conhecida a vontade de Deus; por isso, eles buscam sinais externos e revelações.

A Bíblia é inadequada para mudar nossa sociedade; portanto, eles procuram estabelecer o grupo de *lobby* dos evangélicos no Congresso Nacional e trabalham para eleger deputados, senadores, presidentes e outros oficiais evangélicos. Eles procuram mudanças por meio do

poder político e do dinheiro.

QUE MENSAGEM?

Assim como os liberais, alguns que se declaram evangélicos estão atribuindo um novo significado às palavras da Bíblia, lançando termos seculares e terapêuticos sobre a terminologia espiritual.

O pecado se torna um comportamento disfuncional; a salvação se transforma em auto-estima ou em integralidade; e Jesus, apenas um exemplo para um viver correto. Esta é a mensagem que se proclama domingo após domingo.

Deste modo, a Palavra de Deus está sendo falsificada novamente. Mas o cristianismo prospera não por oferecer às pessoas aquilo que elas já têm, e sim por oferecer o que elas estão necessitando desesperadamente — a Palavra de Deus e a salvação por intermédio do Senhor Jesus Cristo.



É duvidoso que tenha havido algum tempo em que fosse mais necessário do que hoje fazer soar a nota da Separação. O mundo tem-se tornado tão “clericalizado” e a Igreja tão mundanizada, que é difícil distinguir uma coisa da outra. A linha de demarcação tem sido de tal maneira derrubada e quebrada, que mesmo igrejas onde já floresceram avivamentos, cuja vida espiritual já foi, em tempos atrás, profunda e forte, são hoje em dia meros centros sociais em que Deus há muito escreveu a palavra “Icabod” — “a Glória se foi”.

Oswaldo J. Smith

O EVANGELHO DA GRAÇA NA ÁFRICA

Josafá Vasconcelos

(Preletor da 6ª Conferência Fiel para Pastores e Líderes, 2005, na África)

*Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco,
a mim me convém conduzi-las.*

João 10.16

Este foi o versículo que motivou o grande David Livingstone a deixar a Inglaterra para ser missionário no coração da África. Ele amou tanto aquele povo que deu a sua vida, no empenho de ser um instrumento nas mãos de Cristo, para conduzir aquelas ovelhas que o Pai escolheu desde a eternidade. Deus realmente ama os seus eleitos da África e está disposto a mover todos os obstáculos possíveis a fim de alcançá-los. Ele trasladou sobrenaturalmente o evangelista Filipe para alcançar um africano da Etiópia e pregar a ele o Evangelho da Graça, do Servo Sofredor que entregou a vida pelo seu povo, conforme a passagem de Isaías 53.

Foi no dia 22 de julho que pastor Ricardo, Tiago e eu nos dirigimos para o Aeroporto de Guarulhos, a fim de partirmos com destino a África, para

mais uma Conferência Fiel. Ao chegarmos lá, fomos surpreendidos com a notícia que a companhia aérea que nos conduziria àquele continente estava em greve! O que fazer? A alternativa que nos era apresentada pela companhia era ficar num hotel, aguardando quantos dias fossem necessários, até que tudo retornasse ao normal. Logo percebemos que necessitávamos de uma interferência urgente da parte de Deus. Tiago e Rick (filho de pastor Ricardo que veio até o aeroporto para nos embarcar) corriam desesperados de balcão a balcão buscando outra solução. Não podíamos esperar; um dia a menos e todo o esquema montado para nossa chegada à conferência seria deitado por terra. Pastor Ricardo e eu ficamos em oração. Depois de um tempo considerável, a solução veio como por um milagre; fomos acomodados por outra empresa aérea em um voo

para Portugal, a fim de viajar a noite toda, passar o dia em Lisboa e, novamente, embarcar à noite para Johannesburg. Havia um casal, próximo a nós, que estava na mesma situação. Eram sul-africanos e precisavam também chegar com urgência em casa. O gerente da empresa aérea resolveu colocá-los em nosso grupo e recomendou que viajassem conosco até a África. Foi interessante ter a companhia de um casal não-crente; eram da Igreja Ortodoxa com idéias espíritas, e tínhamos todo o tempo do mundo para evangelizá-los. O pastor Ricardo falou-lhes da salvação pela graça, Tiago destruiu a idolatria, e eu lhes falei da obra da Cruz e de como cria com convicção na santa e sábia providência de Deus, que muito provavelmente os teria escolhido desde a fundação do mundo e, por isso, fizera com que tudo aquilo acontecesse.

Quando chegamos a Johannesburg tudo estava numa grande confusão. Havia centenas de pessoas, todas amontoadas em volta dos guichês da companhia aérea, procurando embarcar, mas era impossível. Tínhamos de seguir para Maputo, e mais uma vez necessitávamos ser “transladados”. Foi assim que nos dirigimos a um balcão, para tentarmos alugar um carro e seguir por terra até nosso destino, mas parece que todo o mundo pensou a mesma coisa, e as companhias estavam sem carro à disposição. Mais uma vez, oramos e encontramos, pela interferência de Deus, um carro simples que estava ao alcance das finanças da Fiel. Enquanto o pastor Ricardo e Tiago

preenchiam os formulários, eu tomava conta das bagagens de mão (os livros e o restante das bagagens foram despachados direto do Brasil para Maputo); de repente, vejo Tiago dirigindo-se para o meu lado, com os olhos arregalados; pensei comigo mesmo que alguma coisa dera errado! Ele se aproximou e me disse: “Recebi um telefonema de São Paulo, dizendo que a mãe do pastor Ricardo acabou de falecer, e não sei como dizer a ele!” Depois de os formulários estarem devidamente preenchidos, ainda no meio da loja, Tiago disse: “Sr. Ricardo, sua mãe acaba de falecer!” Observei o pastor Ricardo... sua face... inclinou-a silente... nenhuma palavra... grossas gotas de lágrimas rolaram e se derramaram molhando o chão... nos abraçamos e oramos ali mesmo, dando graças pela longa vida da missionária Aletha Denham, noventa e nove anos, e pelo seu precioso testemunho e serviço ao Senhor. Só mais tarde, o pastor Ricardo disse, consolado: “Ela estava mesmo querendo ir para casa!” Quando chegamos na fronteira, faltando apenas 10 minutos para fechar, problemas à vista! Cara fechada, má vontade, passaportes, registrar o carro, pagar tachas! E na hora de sair: “Cadê meu passaporte e carteira? – perguntou o pastor Ricardo. Procuramos por todos os cantos, bolsos, bolsas e nada... apelei a um policial, e este saiu correndo para fora, demorou um pouco e trouxe um jovem, surpreendido com a carteira e o passaporte na mão. “Ah! Eu achei ali!”, disse ele. “E por que não entregou às autoridades?”, perguntou o policial. Nenhuma resposta. Deus não permiti-

tiu que faltasse alguma coisa; o dinheiro estava bem escondido e o rapaz pensou que fossem apenas documentos. Seguimos viagem e, ao escurecer, chegamos a Maputo.

Karl Peterson é o nome daquele que Deus levantou para ser o representante da Fiel em Moçambique. Trata-se de um homem muito especial, com um amor comovente pelos africanos. Foi muito bom vê-lo; sentimos muita segurança em sua companhia, pois ele é dono de uma capacidade impressionante para resolver problemas e sabe como tratar com os moçambicanos. Recebemos dele a notícia de que nossa bagagem havia chegado bem e de que, de forma milagrosa, os livros haviam passado pela alfândega sem que fosse necessário pagar nada! Glória a Deus, mais uma bênção! No outro dia, embarcamos para Nampula, nordeste do país, local da Conferência. Durante todo o percurso, o celular de Karl não parava: eram pastores ligando com mil problemas, pedindo sua ajuda para chegar à Conferência; um deles foi deixado para trás pelo *machimbombo* (ônibus), no meio do mato, a quem Karl confortou dizendo que estava orando e que aguardasse o socorro do anjo do Senhor! Ao chegar a Nampula, fomos recepcionados pelo Dr. Charles, um homem impressionante por sua seriedade, dedicação e zelo na obra do Senhor. Dono de uma visão extraordinária e disposição incansável, foi ele que preparou toda a parte logística da Conferência, e tudo funcionou de maneira impecável; fico imaginando como funcionará o hospital que

está construindo para servir àquela gente sofrida. Certamente Deus será glorificado!

Deus abençoou a Conferência de uma forma maravilhosa. O pastor Martin Holdt, da África do Sul, foi usado tremendamente ao falar sobre a Soberania, Sabedoria e Suficiência de Deus, e a mim coube falar da Glória de Deus, no Culto, na Disciplina, nas Ordenanças e no Crescimento Legítimo da igreja. No retorno a Maputo, quando fizemos escala em Beira, lá estava o Karl, no aeroporto, andando de um lado para o outro, grudado no celular. Tiago me disse: “Você sabe o que ele está fazendo?” Respondi: “Não”. Ele me informou: “Ele está ligando aos pastores para saber se chegaram bem!” Meus olhos se encheram de lágrimas...

E que dizer de Angola? Angola é um país destruído pela guerra. O povo vive em extrema pobreza, com lixo amontoado pelas ruas, trânsito desordenado e muita gente pela rua. Mas nada disso os abate; é um povo alegre e cheio de esperança! Pode-se ver no rosto de cada um a expressão de júbilo de quem acaba de ganhar um grande prêmio! A paz! Camisetas, vestidos estampados, todos com dizeres louvando a paz. Até os hinos falam da “paz que Deus trouxe ao país”. A pequena Conferência contou com a presença de quase setenta pastores ao todo. O tema era o Evangelho da Graça, mas a surpresa foi tão grande que, tenho certeza, não esperavam que o conteúdo fosse tão diferente daquilo que eles estavam acostumados a chamar de Evange-

lho da Graça. Foi um choque! Depois de pregar por mais de uma hora e meia, tive de responder perguntas por mais de duas horas! Perguntas inteligentes e que demonstravam o bom espírito dos Bereanos. Após a pregação da noite, o irmão Simia, nosso anfitrião, nos abraçou e, com os olhos marejados de lágrimas, agradeceu efusivamente.

Fomos recebidos como príncipes de Deus. Aqueles rostos nos pareciam tão familiares, senti-me

como se estivesse em casa, pelo menos eu, que moro na Bahia! Tudo estava maravilhoso, mas a saudade de casa já começava a apertar... na hora de ir embora, parecia tão mais fácil nadar pelo Atlântico e chegar ao Brasil! Mas a jornada foi longa; longa o suficiente para pensarmos no grande desafio de propagar a Fé Reformada nos países de língua portuguesa. Desafio intransferível! Não pertence a mais ninguém somente a nós, reformados do Brasil.

O PRIVILÉGIO DA ORAÇÃO

Gardiner Spring

Já se foi o tempo quando os pastores de igrejas valorizavam o privilégio da oração; eles não somente eram homens de oração, mas também oravam freqüentemente com os outros e uns pelos outros. Suas recíprocas e fraternas visitas eram consagradas e adocicadas pela oração; também não era nem um pouco incomum que eles se juntassem para passar dias inteiros em jejum e oração, para que as efusões do Espírito de Deus viessem sobre eles e suas igrejas, e aqueles eram dias de poder, dias em que o braço forte de Deus se mostrava e sua mão direita sustentava, nem era difícil ver onde a imensa força do púlpito encontrava-se. “E o mais fraco dentre eles, naquele dia, será como Davi, e a casa de Davi será como Deus” (Zc 12.8).

Extraído do livro “Amado Timóteo”, Editora Fiel.